

Actas do 14º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde
Organizado por José Alberto Ribeiro-Gonçalves, Soraia Garcês, & Isabel Leal
8, 9 e 10 de setembro de 2022, Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades

TROLLING E DEPENDÊNCIA ONLINE: QUE RELAÇÃO?

Inês Borges^{1,2,3} (✉ ines.reis.borges@gmail.com), Ivone Patrão^{2,3,4}, & Patrícia Sobral^{2,3}

¹ WJCR – William James Center for Research, Ispa – Instituto Universitário, Portugal

² Ispa – Instituto Universitário, Portugal

³ Geração Cordão, Portugal

⁴ APPsyCI – Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion, Ispa – Instituto Universitário, Portugal

O *trolling* define-se como uma tentativa intencional de causar conflitos e situações de stress online, através de acções maliciosas e provocatórias (e.g., comentários públicos, em grupos privados) (Gylfason et al., 2021).

Desta forma, as redes sociais estão a tornar-se a plataforma preferida para os trolls, uma vez que permite que coloquem material negativo ou ofensivo, devido ao amplo alcance e potencial anonimato (Cambria et al., 2010). Neste sentido, têm sido utilizados os quatro principais tipos de crítica ao comportamento dos *trolls*: (a) tóxico, (b) abusivo, (c) ameaçador e (d) repetitivo (Coles & West, 2016). Assim, os *trolls* tendem a repetir o comportamento destrutivo enviando várias mensagens com conteúdo negativo (Seah et al., 2015), uma vez que podem até ser destrutivos quando estão envolvidos não apenas em ações repetitivas, mas também em comportamentos intencionais e prejudiciais para com as vítimas (Shachaf & Hara, 2010).

Neste sentido, na atualidade as redes sociais são as plataformas online mais utilizadas pelos adolescentes e jovens adultos, sendo que a literatura defende que as mesmas apresentam problemáticas que podem ser nefastas para a saúde mental dos jovens, nomeadamente o *trolling* (Brubaker et al., 2021).

Assim, este estudo tem como objetivo explorar as relações entre dependência online, empatia, praticar *trolling* (ser agressor e/ou vítima).

MÉTODO

O presente estudo é de carácter quantitativo, transversal, exploratório e com um delineamento empírico (Marôco, 2011).

Participantes

A amostra é constituída por $N=264$ participantes, com uma média de idade de 21 anos ($M=21$; $DP=4,91$), em que a maioria (87,2%) são raparigas/mulheres.

Material

Utilizou-se um protocolo de avaliação que se organizava em 4 secções, sendo que a primeira contém questões sociodemográficas e as restantes os seguintes instrumentos:

Global Assessment of Internet Trolling – GAIT (Buckels et al., 2014): A escala é constituída por 4 itens ($\alpha=.85$), sendo que para a presente investigação foram traduzidos os itens para a população portuguesa, bem como acrescentados mais 2 itens. Neste sentido, a escala contempla tem 2 dimensões: ponto de vista de possíveis agressores (e.g., “*Apesar de algumas pessoas ficarem tristes ou aborrecidas com os comentários que faço, eu acho que os devo continuar a fazer porque tem graça?*”), e de possíveis vítimas (e.g., “*No meu grupo online sinto que há sempre um membro a fazer piadas/ comentários ofensivos sobre mim sem pensar como me sinto ao ler aqueles comentários*”). Todos os itens são categorizados numa escala tipo *likert* de 6 pontos (1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Discordo em parte; 4 – Concordo em Parte; 5 – Concordo; 6 – Concordo Totalmente).

Internet Addiction Test – IAT (Pontes et al., 2014; Young, 1998): Este instrumento é constituído por 20 itens, com uma escala de seis pontos (0 – Não se aplica; 1 – Raramente; 2 – Ocasionalmente; 3 – Muitas vezes; 4 – Frequentemente; 5 – Sempre). Com o intuito de se calcular um *score* final, os *scores* obtidos terão de ser somados para cada resposta. Posteriormente, verifica-se em que intervalo é que cada participante se encontra, sendo que quanto maior o *score* obtido, maior o nível de dependência. Deste modo, por

definição, o uso normal varia entre 0-30 pontos; a utilização suave/baixa entre 31-49 pontos; a moderada entre 50-79 pontos e o uso severo/alto entre os 80-100 pontos (Young, 2011).

Basic Empathy Scale – BES (Jolliffe & Farrington, 2006; Pechorro et al., 2015): Esta escala, que diz respeito à versão reduzida da BES, é constituída por 7 itens, com uma escala de 5 pontos (1 – Totalmente falso, 2 – Em parte falso, 3 – Em parte verdade, 4 – Muitas vezes verdade, 5 – Totalmente verdade). O BES foi desenvolvido como uma escala concisa e coerente com o objectivo de medir dois factores distintos: empatia afectiva e empatia cognitiva. As pontuações são calculadas através da marcação inversa dos itens com palavras positivas e depois somando os itens para obter a pontuação total e as pontuações dos factores. As pontuações mais elevadas indicam um aumento da presença das características associadas.

Procedimento

Num momento inicial, elaborou-se um questionário online através de um formulário da plataforma *Google Forms*, que incluía um consentimento informado, sendo que no caso de crianças e adolescentes menores de idade, foi necessária que os seus encarregados de educação autorizassem a sua participação. Quanto ao questionário, incluem-se: questões sociodemográficas, acerca dos comportamentos online, e ainda as escalas citadas anteriormente. Esta investigação foi desenvolvida no âmbito do projeto Geração Cordão (validado e aprovado pela Comissão Ética do ISPA e pelo Ministério da Educação), em parceria com a APAV.

A divulgação do questionário realizou-se maioritariamente pelas redes sociais, onde foi solicitada a participação voluntária dos participantes, sendo que o método de amostra usado foi uma amostragem não-probabilística por conveniência (Marôco, 2011).

Para a análise de resultados, utilizou-se o IBM SPSS – *IBM Analytics*, versão 28. Posteriormente, foi feita a análise da estatística descritiva da amostra e foi testada as qualidades psicométricas dos instrumentos. Seguidamente, realizou-se a análise dos dados, onde foram feitas correlações com o coeficiente de *Pearson*, assim como regressões lineares múltiplas.

RESULTADOS

Seguidamente, são apresentadas as correlações entre as variáveis de interesse (Tabela 1). Os níveis de dependência online elevados estão positiva e significativamente correlacionados com ser vítima de *trolling*, ser agressor e empatia. Relativamente às variáveis sociodemográficas idade e sexo, foi encontrada uma correlação negativa e significativa entre a idade e ser vítima, ser agressor, bem como entre o sexo dos participantes, ser agressor e empatia. Além disso, foi também encontrada uma correlação negativa e significativa entre ser agressor e empatia.

Tabela 1

Correlações entre as variáveis em estudo e variáveis sociodemográficas

	1	2	3	4	5	6
1. Idade	-					
2. Sexo ¹	-0,10	-				
3. Dependência Online	-0,09	-0,05	-			
Vítima (<i>Trolling</i>)	-0,26**	-0,01	0,26*	-		
Agressor (<i>Trolling</i>)	-0,13*	0,29	0,19**	0,20**	-	
6. Empatia	-0,07	-0,13	0,24**	0,07**	-0,15**	-

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ¹Sexo: Feminino=1; Masculino=2.

A Tabela 2, mostra as regressões múltiplas que indicaram que a dependência online está significativamente e independentemente associada à prática de *trolling* (ser agressor) e empatia.

Tabela 2

Regressão múltipla com modelo de preditores da dependência online.

	β (p)	R
Agressor (<i>Trolling</i>)	0,20 (<0,001)	0,36
Empatia	0,26 (<0,001)	

DISCUSSÃO

O objetivo principal do presente estudo visou analisar as relações entre a dependência online, praticar *trolling* (ser agressor e/ou ser vítima) e empatia.

Os resultados da investigação em causa, verificam que a dependência online está presente em vítimas e agressores, contudo apenas foram encontrados estudos que verificam uma associação positiva e significativa entre um elevado uso da Internet e ser agressor (Blackwell et al., 2017). Corroborando com estudos anteriores, o *trolling* mostrou também uma correlação positiva com a frequência de utilização do *Facebook* (Craker & March 2016; Phillips, 2011). Como salientado por Marwick e Ellison (2012), o facto de que o *Facebook* permite uma fácil manipulação de informação que pode ser utilizada para benefício pessoal, facilita a ocorrência de comportamentos de *trolling*. Da mesma forma, a relação positiva e significativa entre o *trolling* e a utilização do *Twitter* é coerente com a literatura anterior, uma vez que esta rede social recebe várias críticas pelos seus problemas na gestão do *trolling* (McVittie et al., 2021). Assim, é possível observar que para compreender o *trolling* não é suficiente analisar apenas o agressor, ou seja, o perpetuador do comportamento, mas também o funcionamento e as orientações dos meios de comunicação online, utilizados por estes sujeitos.

Concomitantemente, os agressores que praticam *trolling* apresentam menores níveis de empatia, o que vai ao encontro da investigação de Melchers et al. (2016), que refere que os comportamentos de online *trolling* estão associados a uma baixa empatia, sendo que uma baixa ou falta empatia, também é considerado um dos traços de psicopatologia que podem existir em indivíduos agressores (Buckels et al., 2013).

Adicionalmente, foi também verificada uma relação negativa e significativa entre idade, ser vítima e ser agressor, o que leva a levantar a hipótese de que quanto mais velhos os indivíduos são, menos pré-disposição têm para serem alvos ou agressores de *trolling*. Este resultado vai parcialmente no sentido da literatura existente, uma vez que Klempka e Stimson (2014) verificam que, o *trolling* estava frequentemente associado a um comportamento que embora provoque consequências substanciais e negativas para as vítimas, variava em certas manifestações deste comportamento e nas próprias definições de *trolling*, entre diferentes faixas etárias.

As limitações deste estudo predem-se com: a utilização de uma escala não validada para a população portuguesa, no que concerne ao *trolling* uma vez que, sendo este um tema ainda recentemente estudado na literatura; e com a amostra ser constituída maioritariamente por raparigas/mulheres (74,2%).

Neste sentido, em investigações futuras torna-se relevante a validação da escala de *trolling* para a população portuguesa, tanto por parte do agressor, como da vítima, bem como torna-se essencial controlar e equilibrar o número de sujeitos de cada um destes dois grupos (feminino e masculino), uma vez que, Todd e Melancon (2019), consideram que o género é um factor determinante e que pode ser variável, entre rapazes/homens e raparigas/mulheres, quanto à forma de comunicação online.

Finalmente, sendo esta uma área de investigação recente, os resultados alertam para a necessidade de intervenção numa linha preventiva, de forma a desenvolver competências socio-emocionais.

REFERÊNCIAS

- Blackwell, D., Leaman, C., Tramposch, R., Osborne, C., & Liss, M. (2017). Extraversion, neuroticism, attachment style and fear of missing out as predictors of social media use and addiction. *Personal and Individual Differences, 116*(1), 69-72.
- Brubaker, P. J., Montez, D., & Church, S. H. (2021). The power of schadenfreude: Predicting behaviors and perceptions of trolling among reddit users. *Social Media and Society, 7*(2). <https://doi.org/10.1177/20563051211021382>
- Buckels, E. E., Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2013). Behavioral confirmation of everyday sadism. *Psychological Science, 24*(11), 2201-2209. <https://doi.org/10.1177/0956797613490749>
- Buckels, E., & Trapnell, P., & Paulhus, D. (2014). Trolls just want to have fun. *Personality and Individual Differences, 67*, 97-102. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.016>
- Cambria, E., Chandra, P., Sharma, A., & Hussain, A. (2010). "Do not feel the trolls," *ISWC, Shanghai*.
- Coles, B. A., & West, M. (2016). Trolling the trolls: Online forum users constructions of the nature and properties of trolling. *Computers in Human Behavior, 60*, 233-244. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.070>
- Craker, N., & March, E. (2016). The dark side of Facebook: The dark tetrad, negative social potency, and trolling behaviours. *Personality and Individual Differences, 102*, 79-84. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.043>
- Gylfason, H. F., Sveinsdottir, A. H., Vésteinsdóttir, V., & Sigurvinsdottir, R. (2021). Haters gonna hate, trolls gonna troll: The personality profile of a Facebook troll. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(11), 5722. <https://doi.org/10.3390/ijerph18115722>

- Jolliffe, D., & Farrington, D. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29, 589-611. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Klempka, A., & Stimson, A. (2014). Anonymous communication on the internet and trolling. *Concordia Journal of Communication Research*, 1, 12-22. <https://doi.org/10.54416/OHQP4384>
- Marôco, J. (2011). *Variáveis, populações e amostras*. In J. Marôco (Ed.), *Análise estatística com o SPSS Statistics* (pp. 21-29). ReportNumber.
- Marwick, A., & Ellison, N. B. (2012). “There isn’t Wi-Fi in heaven!” Negotiating visibility on facebook memorial pages. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 56(3), 378-400. <https://doi.org/10.1080/08838151.2012.705197>
- McVittie, C., Sambaraju, R., & Bain, F. (2021). ‘I love James Blunt as much as I love herpes’ – ‘I love that you’re not ashamed to admit you have both’: Attempted insults and responses on Twitter. *Language & Communication*, 76, 23-34. <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2020.10.001>
- Melchers, M. C., Eli, M. Haas, B. W., Ereuter, M., Ebischoff, L., & Emontag, C. (2016). Similar personality patterns are associated with empathy in four different countries. *Frontiers in Psychology*, 7, 290. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00290>
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright C. P., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Adaptation of the Basic Empathy Scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, 21(7), 699-714. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546>
- Phillips, W. (2011). LOLing at tragedy: Facebook trolls, memorial pages and resistance to grief online. *First Monday*, 16(12), 1-14. <https://doi.org/10.5210/fm.v16i12.3168>
- Pontes, H., Patrão, I., & Griffiths, M. (2014). Portuguese validation of the internet addiction test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 107-114. <https://doi.org/10.1556/JBA.3.2014.2.4>
- Shachaf, P., & Hara, N. (2010). Beyond vandalism: Wikipedia trolls. *Journal of Information Science*, 36(3), 357-370. <https://doi.org/10.1177/0165551510365390>
- Seah, C. W., Chieu, H. L., Chai, K. M. A., Teow, L.-N., & Yeong, L. W. (2015). Troll detection by domain-adapting sentiment analysis. *18th International Conference on Information Fusion* (pp. 792-799).
- Todd, P. R., & Melancon, J. (2019). Gender differences in perceptions of trolling in livestream video broadcasting. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(7), 472-476. <http://doi.org/10.1089/cyber.2018.0560>
- Young, K. (1998). *Caught in the Net: How to recognize the signs of Internet addiction and a winning strategy for recovery*. Wiley.
- Young, K. (2011). *Internet Addiction Test (IAT)*. Stoelting.

